

Avaliação de clones de mandioca de mesa sob irrigação e em condições de sequeiro

Francisco de Assis Gomes Junior¹; Vanderlei da Silva Santos²; Mauricio Antonio Coelho Filho²; Jussimar da Silva Rocha³; Rosangela Nascimento da Silva Ribeiro³

¹Estudante de Agronomia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia; ²Pesquisador da Embrapa Mandioca e Fruticultura; ³Estudante de pós-graduação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. E-mails: franciscojr.21@hotmail.com, vssantos@cnpmf.embrapa.br, mauriciocoelho@cnpmf.embrapa.br; jussimar_rocha@hotmail.com, rosangelaribeiro.ufrb@yahoo.com.br

A mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) é uma planta originária das Américas, provavelmente do Brasil, e cultivada em todo o território brasileiro, com suas raízes e folhas largamente utilizadas na nossa culinária. Embora tolerante ao déficit hídrico, seu crescimento e rendimento são reduzidos por prolongados períodos de seca. As cultivares de mandioca se subdividem em mandioca brava e mandioca mansa. Enquanto em mandioca brava (para farinha) a produtividade de raízes e o teor de matéria seca elevados são as principais características, em mandioca mansa (para mesa) os atributos de qualidade, como tempo de cozimento, ocorrência de fibras e sabor das raízes cozidas, são mais importantes. A irrigação possibilita a colheita mais precoce e aumenta a probabilidade de obter raízes sem fibras e com tempo de cozimento adequado. Assim, 13 clones de mandioca de mesa (Branca Rosa, Maragogipe, BRS Dourada, Casca Roxa, Barro Vermelho, Imbé, Dona Rosa, Neilton, Perma, Amansa Burro, Eucalipto, Abóbora e Cacau Amarelo), sob duas lâminas de irrigação: 0% (sem irrigação) e 100% (umidade na capacidade de campo), foram avaliados em duas épocas de colheita, aos 8 e 10 meses após o plantio, quanto às seguintes características: produção total de raízes, produção de raízes comerciais, porcentagem de raízes comerciais em relação ao total, peso da parte aérea e índice de colheita, que refere-se ao peso das raízes em relação ao peso total da planta, isto é, aos pesos das raízes e parte aérea. O experimento foi instalado no delineamento de blocos casualizados e segundo o esquema de parcelas subdivididas, com a parcela representada pelos clones e a sub-parcela pelas épocas de colheita. Em cada época foram colhidas duas plantas. As análises estatísticas foram realizadas com o auxílio do software Sisvar. Com relação à produção total de raízes, peso da parte aérea e índice de colheita, observou-se significância das fontes de variação clones e épocas de colheita ($P < 0,01$). Em termos da produção de raízes comerciais, as fontes de variação clones e épocas foram significativas ($P < 0,01$ e $P < 0,05$, respectivamente). Quanto à proporção de raízes comerciais em relação ao total de raízes, não se observou significância em nenhuma das fontes de variação. As médias de clones foram comparadas por meio do teste de Scott-Knott, e as médias de épocas de colheita e ambientes (irrigado e não irrigado) com o teste de Tukey. Em relação à produção comercial de raízes em função das épocas de colheita, o clone Neilton destacou-se aos 8 (4,26 kg.planta⁻¹) e 10 meses (4,47 kg.planta⁻¹). Ao considerar a produção comercial de raízes em função da presença ou ausência de irrigação, os clones não diferiram significativamente entre si, tanto sob irrigação como em sequeiro. Quanto ao peso da parte aérea, aos oito meses destacou-se o clone Casca Roxa (9,89 kg.planta⁻¹), enquanto aos dez meses, além do Casca Roxa (6,59 kg.planta⁻¹), destacaram-se Branca Rosa (5,92 kg.planta⁻¹), Neilton (7,93 kg.planta⁻¹) e Amansa Burro (7,84 kg.planta⁻¹). E, finalmente, quanto ao índice de colheita, destacaram-se os clones Eucalipto (0,51) e Cacau Amarelo (0,56). Em razão da maior produção de raízes comerciais, nas duas épocas de colheita, e da produção de parte aérea, o clone Neilton mostrou-se promissor.

Palavras-chave: Evapotranspiração; mandioca irrigada; lâmina de irrigação